

A indústria da moda, prevendo um futuro sombrio.

O ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, poderá ser convidado a testar seus dotes de malabarista e elaborar a planilha de custos das confecções, em documento que será redigido hoje pela Associação Brasileira do Vestuário, depois de reunião a ser realizada na 34ª Fenit, que acontece no Pavilhão de Exposições do Anhembi. Não está descartada a hipótese de um protesto geral na próxima quinta-feira, e a associação deverá recomendar a seus associados a fixação de preços em OTNs para compras com prazos superiores a 30 dias. As perspectivas são preocupantes também no setor de calçados e os expositores da 19ª Francal (no Ibirapuera) esperam o resultado da mostra para definir os rumos a serem seguidos neste segundo semestre.

As dificuldades enfrentadas pelo setor de confecções são consideradas "muito sérias" pelo presidente da Associação Brasileira do Vestuário, Roberto Chedad. E são justamente os empresários que acreditaram no Plano Cruzado que estão com maiores problemas, pois tomaram dinheiro junto aos bancos e viram as taxas de juros dispararem de 0,5% para perto de 28% ao mês. Segundo Chedad, este problema está ocorrendo em 80% do setor, envolvendo justamente as pequenas e médias empresas, que também estão vendo as vendas despençarem. No entanto, Chedad acredita que este panorama negativo ainda pode ser reverti-

do, se o tempo ajudar na venda da produção de inverno. Para ele, a grande saída para estas empresas é tentar o mercado externo. Chedad prefere nem quantificar a retração ocorrida nas vendas, embora o panorama esteja sendo considerado sombrio por parte dos 1.140 expositores, que ocupam 88 mil metros quadrados do Anhembi.

Pela primeira vez na história da Feira, alguns estandes sequer foram montados, algumas confecções estão preferindo não receber pedidos em consequência da dificuldade em fixar preços para os próximos meses. E igualmente não existe o clima de festa que sempre caracterizou a Fenit.

Pedro Paulo Lamboglia, presidente da Feira promovida pela Alcântara Machado, prefere minimizar o fato de estandes não terem sido montados, alegando que não houve tempo para o preparo das coleções por parte de algumas indústrias. Lamboglia descarta o panorama de recessão, salientando haver um pouco de exagero nas interpretações dos indicadores econômicos.

Mas o clima de preocupação era evidente, embora não chegassem a atingir grandes empresas, como a Vila Romana, que afirma ter apresentado um crescimento real de vendas de 22% nestes primeiros cinco meses, em relação a igual período de 86, segundo informações de seu diretor comercial, André Brett.

A situação não é melhor no setor de calçados e a 19ª Feira Nacional de Calçados

e Artefatos (Francal), que se realiza no pavilhão da Bienal, no Ibirapuera, deverá servir de termômetro para o que irá acontecer no segundo semestre. Segundo Abdala Jamil Abdala, presidente da Francal Feiras e Empreendimentos Ltda, os níveis de produção da indústria já caíram 30% nestes primeiros cinco meses do ano, enquanto o consumo reduziu-se em 40%, em relação a igual período do ano passado.

"O mercado varejista está praticamente paralisado", afirmou o diretor do Sindicato da Indústria de Calçados de Franca, Ivânia Batista. No primeiro trimestre deste ano as vendas caíram 57% em relação a 86, período em que o Plano Cruzado ainda não havia influído definitivamente no aumento das vendas. A retração de 30% na produção em Franca representa nada menos que 1,6 milhão de pares/mês e o desemprego já atingiu oito mil dos 40 mil empregados da indústria local. Enquanto isto, a matéria-prima, o couro, aumentou 130% em apenas 40 dias, inviabilizando qualquer tentativa de fixar custos. Se não houver a esperada recuperação no mercado interno, a solução será aumentar ainda mais as exportações e, por isto, o setor espera uma política de correções cambiais realistas e reivindica a volta do adiantamento sobre contratos de câmbio, sem a exigência de hipoteca de bens pessoais, como está ocorrendo.

Jane Soares